



QUEM FALA BEM E QUEM FALA MAL O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Anesio Marcilio dos Santos Pereira¹

INTRODUÇÃO

A linguagem é uma capacidade ou faculdade mental que todos os seres humanos possuem. Por sua vez, esta capacidade é inata, o que significa dizer que já nascemos com a disposição para a fala. Nesse viés, há milhares de anos, ainda na Grécia antiga, mais precisamente em Alexandria (Egito), germinou um pequeno fruto que hoje conhecemos como “preconceito linguístico”. A noção de “erro” surgiu com as primeiras descrições sistemáticas da língua grega, visto que essa língua acabara de se tornar a língua oficial do Império de Alexandria. Nesse mesmo período, também, teve início ao que hoje denominamos de estudos linguísticos e Gramática Tradicional.

Essa gramática, no que lhe diz respeito, adotou como modelo exemplar o uso característico de um grupo restrito: do sexo masculino, maioria da elite cultural (letrados), membros da aristocracia política e detentores da riqueza econômica. Baseado nessas características a língua passou a receber juízo de valores como “certo” e “errado”, “quem fala bem” e “quem fala mal”. Fato que foi decisivo para que a gramática tradicional impulsionasse o preconceito e o fizera atravessar milhares de anos até chegar aos dias atuais.

Não obstante, em 1960 surge com William Labov a Sociolinguística, ramo da linguística que busca estudar os fenômenos relacionados à língua e sociedade, em específico, a variação linguística. Nessa perspectiva, os avanços dos estudos sociolinguísticos foram extremamente importantes para começar o combate ao “preconceito linguístico” que está presente de forma significativa no cotidiano dos brasileiros e na sociedade em geral. Dessa forma, segundo Bagno:

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol da Universidade Pernambuco - UPE, anesio.marcilio@hotmail.com.



Quando o assunto é língua existem na sociedade duas ordens de discurso que se contrapõem: o discurso científico, embasado nas teorias da linguística moderna, que trabalha com a noção de variação e mudança; e o discurso do senso comum, impregnado de concepções arcaicas sobre a linguagem, e de preconceitos sociais fortemente arraigados que opera com a noção de erro (Bagno, 2006, p. 1).

Destarte, é corroborável que, ainda que haja uma ciência que tenha por objetivo estudar a linguagem humana e explicar os fenômenos linguísticos, os falantes da Língua Portuguesa, ainda que de modo inconsciente, desde outrora, fazem uso de concepções que, hoje, não dão conta de explicar os fenômenos linguísticos. À vista disso, visa-se entender como as pessoas interpretam, hoje, o falar linguístico, em especial no que toca à língua portuguesa. Ou seja, busca-se investigar como o senso comum brasileiro define o que é falar bem e falar mal, e quem fala bem e quem fala mal o português brasileiro.

METODOLOGIA

A pesquisa de cunho qualitativo, que foi conduzida pela Profa. Dra. Rossana Ramos, docente adjunta do curso de Letras na Universidade de Pernambuco, campus Mata Norte, foi desenvolvida através de revisões bibliográficas em livros, artigos científicos e coleta de informações através de uma entrevista semiestruturada. A entrevista foi aplicada em seis pessoas de diferentes âmbitos e classes sociais, contendo a pergunta a seguir: “Em sua concepção quem fala bem e quem fala mal o português brasileiro?”. Buscou-se a opinião de pessoas diversas, assim, os perfis dos entrevistados são escolarizados e não escolarizados, graduados e não graduados e de classes sociais distintas. Os entrevistados aqui serão intitulados de A1, A2, A3, A4, A5 e A6.

REFERENCIAL TEÓRICO

Antunes (2002, p. 130) afirma que “Ninguém cria [...] suas próprias regras linguísticas. A língua é um fato social, um saber coletivo, que existe em função da interação do indivíduo com seus pares”. Dessa forma, o autor reverbera o fato de que a língua entendida como um sistema de sons e significados e que se organizam sintaticamente para permitir a interação humana, não pode ser reduzida meramente a um sistema estático e engessado. Pois, sendo ela fruto da interação humana, está sempre em constante evolução, de forma a atender as necessidades interativas dos indivíduos, sendo criada e recriada a todo instante. Permitindo, assim, a diversidade de contextos em que a língua pode ser usada, bem como a diversidade de



formas linguísticas para atender as especificidades desses contextos. Nessa perspectiva, coadunando com que fora dito por Antunes, Bezerra (2011, p. 10) afirma que “A variação é um fenômeno universal das línguas naturais”. Dessa forma, depreende-se que não somos nós que ditamos a língua e, tampouco, podemos ser omissos quanto as variações existentes em um determinado idioma, pois em uma comunidade linguística há que ser levado em conta todos os fatores intralinguísticos, bem como os fatores extralinguísticos, e é justamente este último que torna a língua singular.

Nesse sentido, Bagno (2006, p. 01) ressalta que a noção de “erro” se prende a fenômenos sociais e culturais, que não estão incluídos no campo de interesse da Linguística propriamente dita. Ou seja, o “erro” instaurado na sociedade parte principalmente do meio social que do meio linguístico. Dessa forma, levando em consideração que somos seres complexos e que vivemos em uma sociedade hierarquizada, tem-se, também, o costume de hierarquizar a língua através do juízo de valor para determinar aqueles que falam bem ou falam mal, que vai desde os “bons falantes” até os “maus falantes”. Destarte, essa graduação da língua leva a termo o que conhecemos hoje por “preconceito linguístico”, e quanto a isso, Bagno afirma que o preconceito é mais social que linguístico. Uma vez que o juízo de valor é dado à pessoa que fala e não ao que é falado. Assim, na grande maioria das vezes é levado em consideração a escolaridade, a classe social, a idade e outros fatores que jerarquizam a língua e leva a uma falsa crença que os mais bem escolarizados, e que vivem em centros urbanos falam melhor que os que não possuem escolaridade ou moram na zona rural. Assim, a língua ao invés de incluir passa a excluir e torna-se algo exterior ao indivíduo, um objeto intocável e por excelência sacra, de forma que seu alcance, ao passo do tempo, se torna cada vez mais difícil.

Por conseguinte, no português brasileiro há uma falsa crença de que só a norma-padrão deve ser seguida, extinguindo-se, portanto, as variedades linguísticas existentes no país. Não obstante, isto se deve ao fato de que a norma-padrão atual, guarda fortes ligações com a gramática tradicional que vigorou no passado, assim sendo, realça a crença de que a língua pode ser corrompida com os usos diários dos falantes. Ademais de que a norma que rege a língua portuguesa não corresponde à realidade de uso dos falantes, o que ratifica a estratificação da fala dos indivíduos brasileiros. À vista disso, a norma-padrão é usada como norma de prestígio e de status por uma boa parcela da sociedade brasileira, de forma que falar o português, hoje, perante o viés da gramática vigente, é sinônimo de status e poder e, conseqüentemente, o indivíduo passa a ser bem visto, recebendo o status de “culto”. Quando



isso acontece, automaticamente a raiz do português brasileiro presente no contexto real de fala passa a ser negada, tornando-se motivo de burla e exclusão social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A1 respondeu à pergunta afirmando que “falam bem as pessoas mais estudadas, pessoas que possuem um bom emprego, uma boa educação. Falam mal português as pessoas de baixa escolaridade que não têm uma boa educação e possui um emprego informal.” A2 respondeu que “no português brasileiro existem pessoas que falam na norma culta devido à situação em que a pessoa se encontra, por exemplo, um advogado que tem que falar culto pelo contexto em que ele está inserido. Existe um português que é falado de um modo mais popular, por exemplo, aqui no nordeste se fala uma palavra e lá no sul se fala outra, mas que é a mesma coisa, é uma questão de identidade, popularidade. Então, a gente usa a língua portuguesa conforme a nossa situação.”

Segundo A3, “para uma pessoa falar bem ela logicamente precisa de uma base, de um estudo, ela precisa conhecer o que está falando. E não necessariamente pessoas formadas, mas todo aquele que busca conhecimento, que busca ler, porque a base para a pessoa falar correto é a leitura, é conhecimento. E as pessoas que falam mal português são aquelas pessoas que não tem acesso à educação, são as pessoas de classe baixa da sociedade.” A4 respondeu que, “para uma pessoa falar bem o português não precisa estar na faculdade ou algo do tipo, porque conheço pessoas que falam bem e não estão na faculdade, apenas na escola. As pessoas que tem baixa renda quando não têm acesso ao estudo elas falam mal o português, não sabem de regras e essas coisas.”

Segundo A5, “o falar bem é o falar compreensível que não seja tão elevado, pois para algumas pessoas não se entenderá muito bem. Falar bem o português é falar correto, empregar as palavras no contexto de forma correta, mas que seja compreensível. As pessoas do interior não falam errado, há outra perspectiva acerca do português, é como se a fala dessas pessoas fosse uma coisa original mesmo, uma coisa que a gente aprendeu aqui, o português é nosso, então, a forma que eles falam não está incorreto, é a forma como eles aprenderam, é o português raiz, digamos.” A6 respondeu “obvio que aqueles que têm mais dinheiro tem um poder aquisitivo maior, pode ter uma educação boa e falar bem. E as pessoas que nasceram sem oportunidade de estudar, falam mal. Mas tem pessoas que não tiveram oportunidade de estudar e falam bem, é um pouco complicado. Mas, de modo geral, os que têm poder



aquisitivo melhor falam bem do que aqueles que não está numa situação econômica muito boa.”

A partir dos resultados obtidos evidencia-se que, de modo geral, o “falar bem” está associado a possuir um bom emprego, boa renda, grau elevado de estudo, pertencer a alta classe da sociedade, entre outros. Em contra partida, “falam mal” as pessoas de baixa renda, que não tem acesso à educação, não leem... Assim, a fala dos entrevistados corrobora o que fora dito por Bagno, que ao se tratar da língua, os juízos de valor são dados à pessoa que fala, não ao que é falado, como por exemplo, o fato de um indivíduo possuir baixa renda. É evidente que para o indivíduo A1 o “falar bem” e o “falar mal” está ligado, de modo geral, as estruturas sociais, excluindo assim todos os contextos linguísticos. Na fala de A2, percebe-se que, ainda que de modo inconsciente, há a consciência das variedades linguísticas no português brasileiro, ao citar as diversas formas de se dizer algo, bem como os diversos contextos citados. No entanto, é notório em seu exemplo que o “falar culto”, que deve ser substituído pelo termo “falar segundo à norma padrão”, é atribuído mais uma vez às pessoas de grande status na sociedade, como é o caso do advogado, por exemplo.

Para A3, o falar bem está associado ao conhecimento que o indivíduo tem da própria língua; já o falar mal, está associado, mais uma vez, as questões sociais e culturais. Segundo A4, semelhante ao pensamento de A3, o falar bem está adunado ao conhecimento que se tem da língua, ainda que seja em pequenos níveis. Já o falar mal, está relacionado ao poder aquisitivo e à baixa escolaridade. Conforme a fala de A5, não há um falar bem e um falar mal, mas sim um fala na qual seja compreensível a todos. Nessa perspectiva, essa afirmação vai de encontro ao que prega a Sociolinguística, que o importante na língua é a transmissão da mensagem, e que esta seja compreendida pelo outro. Para o indivíduo A6 quem possui um bom poder aquisitivo são os que falam bem, e os que não possuem, são os que falam mal.

Em linhas gerais, conforme a fala dos entrevistados é explícito que há uma crença na sociedade de que a fala das pessoas brasileiras estão ligadas ao seu lugar na sociedade, não levando em conta o contexto cultural ao qual o indivíduo está inserido. Além disso, com a falsa crença de que só a norma padrão é aceitável no português, induz corriqueiramente, de modo explícito e implícito o julgamento aos falantes do português brasileiro, o que corrobora que o preconceito é mais social do que linguístico. Outrossim, a questão da variação, quase não é levada em consideração pelos falantes da língua portuguesa, já que perante a sociedade falar bem é algo quase inalcançável e ábdito na realidade brasileira.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o exposto, entende-se que ainda nos dias de hoje, o preconceito está bastante presente no cotidiano brasileiro. Transvestido de juízo de valor, hoje, ele é responsável por menosprezar grande parcela da sociedade brasileira. Haja vista que esta parcela é formada pela minoria pobre, não escolarizada e não pertencente a classe de prestígio. Nesse viés, o preconceito arraigado através da concepção de falar bem ou mal, impulsiona a desvalorização da cultura linguística local, indo à busca de uma fala imaculada sem vínculo algum com a realidade e sociedade brasileira. Por um lado, não se podem culpar os indivíduos pela difusão do “preconceito linguístico”, pois a educação linguística do país, atualmente, trata a língua como certa ou errada, passiva de correção, contribuindo dessa forma com a rejeição das variedades do português brasileiro. Destarte, nota-se que a os indivíduos creem que há um português correto, além do seu falado no dia a dia, o que na verdade não passa de uma crença sem fundamento algum. Por esta razão, é necessário que a educação linguística brasileira impulsione a valorização das variantes do português brasileiro, de forma a acolher todas as falas locais, fruto da cultura e história brasileira. De modo a desvanecer esse preconceito que por séculos se faz presente na sociedade.

Palavras-chave: Fala, Preconceito, Sociedade, Educação.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé Costa. **No meio do caminho tinha um equívoco: gramática tudo ou nada.** In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da norma.* São Paulo: Loyola, 2002.

BAGNO, M. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira.** São Paulo: Parábola, 2003.

BAGNO, M. **Nada na Língua é por acaso.** Revista presença pedagógica. Belo Horizonte: 2006. Disponível em: http://www.marcosbagno.com.br/arq_textos.htm. Acesso em: 15/05/2019)

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. **Norma linguística & preconceito social: questões de terminologia.** Veredas - revista de estudos linguísticos, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 71-83, 2003.

BEZERRA, B. **Letras: Sociolinguística.** 2.ed. Recife: Nead-UPE, 2011.

COELHO, I. **Sociolinguística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.